

Joel Antônio Ferreira*

***Abertura de fronteiras:
a Universalidade do Evangelho (Gl 3,26-28)***

***Opening Borders: The Universality
of the Gospel (Gal 3,26-28)***

Resumo

A Epístola aos Gálatas tem um Hino Batismal (Gl 3,26-28) que, parece, foi elaborado por comunidades anteriores a Paulo. O Apóstolo, com muita clareza pastoral, absorveu o Hino e o inseriu no centro de sua missiva. A partir dele, Paulo trabalhou todos os grandes temas da Epístola, sempre, na perspectiva de abertura de fronteiras. Dentro dos modos de produção escravagista romano, ele anunciou o Cristo que rompia as barreiras religiosas, culturais e étnicas (judeu/grego), as sociais (livres/escravos) e as de gênero (homem/mulher). As aberturas seriam possíveis se os novos cristãos conseguissem superar as divisões e o espírito sectarista que tomavam conta de muitos. Para ultrapassar os limites facciosos, isto é, religiosos, assimétricos e androcêntricos, era necessária a adesão a Jesus Cristo. Paulo, encampando o Hino, disse que todos os segmentos deveriam tornar-se “um” só (*heis*) em Jesus Cristo: na unidade eclesiológica o Evangelho deveria ser proclamado como o anúncio libertador para todas as gentes. Usufruindo os métodos histórico-crítico e sociológico, pelo modelo conflitual/contradição, procurou-se ler as três assertivas, a partir do “lugar social” dos marginalizados (étnicos, escravos e mulher) e ver como aqueles excluídos, a partir do Evangelho, tornavam-se sujeitos de suas histórias.

Palavras-chave: Cristo; unidade; judeu/grego; escravo/livre; homem/mulher.

Abstract

The Epistle to the Galatians has a Baptismal Hymn (Gal 3: 26-28) which, it seems, was written by pre-Paul communities. The Apostle, with great pastoral clarity,

* Joel Antônio Ferreira é Pós-Doutor em Ciências da Religião, na Área de Literatura Sagrada, dedicando-se ao Novo Testamento. É professor titular da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, no Mestrado e Doutorado em Ciências da Religião.

E mail: joelantonioferreira@hotmail.com.

absorbed the Hymn and inserted him in the center of his missive. From it, Paul worked all the great themes of the Epistle, always, in the perspective of opening of borders. Within the modes of Roman slave production, he announced the Christ who broke religious, cultural, and ethnic (Jew / Greek), social (free / slaves) and gender (male / female) barriers. The openings would be possible if the new Christians succeeded in overcoming the divisions and the sectarian spirit that took over many. To overcome the factious boundaries, that is, religious, asymmetric, and androcentric, the adherence to Jesus Christ was necessary. Paul, preaching the Hymn, said that all segments should become “one” (*heis*) in Jesus Christ: in ecclesiological unity the Gospel should be proclaimed as the liberating proclamation to all people. By using the historical-critical and sociological methods, by the conflictual/contradiction model, we tried to read the three assertions, from the “social place” of the marginalized (ethnic, slaves and woman) and see how those excluded from the Gospel, they became subjects of their stories.

Key-words: Christ; unity; Jewish/Greek; slave/free; man/woman.

1 – Por onde começar a leitura da Epístola aos Gálatas

Para nós, para conhecer-se toda a Epístola aos Gálatas, a chave principal para abrir-se a porta mais importante é o texto de Gálatas 3,26-28: É uma chave hermenêutica.

26 Pois todos vós sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. 27 Pois, quantos de vós fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. 28 Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem e mulher. Pois, todos vós sois UM só em Cristo Jesus.

Gl 3,26-28 é o centro da epístola, tanto literária como teologicamente. É a hipófise de toda a carta, porque envia os seus hormônios para todas as perícopes (FERREIRA, 2005, p. 11-14):

a) o texto de Gl 3,26-28 está no meio (centro) de toda a epístola (Gl 1,1-6,18);

b) está no meio (centro) da 2ª parte (3,1-5,1);

c) está no meio de duas demonstrações escriturísticas.

O melhor modo de refletir-se sobre todas as outras perícopes da Epístola aos Gálatas é lê-las na ótica de Gl 3,26-28. A partir daqui, são clareadas quase todas as propostas de Paulo, dentro da missiva. É um projeto de busca de uma possível sociedade alternativa dentro do império greco-romano.

Paulo, pelo que se sabe, não elaborou esse texto. Possivelmente, era um “hino batismal” ou um fragmento de um credo bem conhecido pelas comunidades anteriores a ele (TAMEZ, 1998, p. 1665-1669). O Apóstolo conheceu o hino, absorveu-o e aplicou-o às suas comunidades (BYRNE, 1993, p. 21-38). Era um texto que “abria as fronteiras” dentro do modo

de produção escravagista romano e dentro da mentalidade grega. Paulo, ao conhecer o conteúdo e, especialmente, a parte final (Gl 3,28d) quando falou da “unidade em Cristo Jesus”, fez do hino um “programa” vivo para as comunidades (MARTYN, 1998, p. 374). O hino aparece, também, em outros momentos de Paulo e em um deutero-paulino.

1.1 - Hino litúrgico-batismal

Façamos uma comparação com 1Cor 12,13, Cl 3,11 e Rm 10,12 e procuremos onde, possivelmente, Paulo teria buscado o “texto original” que fez surgir Gl 3,26-28. Vejamos a sinopse:

Gl 3,26-28	1Cor 12,13	Rm 10,12	Cl 3,11
Vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus			
Pois todos vós fostes batizados em Cristo	pois fomos todos batizados num só Espírito, para ser um só corpo		
vos vestistes de Cristo			
Não há judeu nem grego,	judeus e gregos	não há distinção entre judeu e grego.	Aí não há mais grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, cita,
não há escravo nem livre,	escravos e livres		escravo, livre,
não há homem e mulher.			
Pois todos vós sois um só em Cristo Jesus	e todos bebemos de um só espírito	Pois ele é o Senhor de todos	mas Cristo é tudo em todos

O Hino Batismal, na Epístola aos Gálatas é, conforme quase todos os comentaristas, anterior a Coríntios, Romanos e Colossenses. Olhando a sinopse, vê-se que o par “não há judeu e grego” aparece nas quatro epístolas. “Escravo e livre” aparece em três. No entanto, “não há masculino (homem) e feminino (mulher)” aparece só uma vez.

A assertiva “não há judeu e nem grego” foi assimilada pelos cristianismos originários, com mais facilidade. Possivelmente, a afirmativa surgiu no ambiente helenístico-judaico-cristão. Parece que o esforço para superar a discriminação racial, com implicações religiosas e culturais foi menos difícil para as primeiras comunidades.

Já “não há escravo nem livre” aparece em três epístolas, ficando fora apenas de Romanos. A hipótese é que, ao não colocar a questão da escravatura na Epístola aos Romanos, o Apóstolo estaria querendo evitar algum problema para os seus leitores de Roma, ou, ainda, queria manter livres as estradas que conduziam a Roma, local onde ele desejava, intensamente, evangelizar. O projeto de liberdade social ia se firmando, gradativamente, nas comunidades originárias. A Galácia, Corinto e Colossos estavam bem distantes de Roma. O interessante é que os discípulos de Paulo, bem depois de sua morte, mantiveram a assertiva “não há escravos nem livres”, do hino batismal, para a comunidade de Colossos.

Somente a Epístola aos Gálatas manteve a fórmula “não há masculino (homem) e feminino (mulher)”. Essa carta foi enviada, em primeiro lugar, aos Gálatas e, por isso, era o documento de referência. Ora, a mentalidade androcêntrica fazia parte do universo greco-romano. Como já foi dito, o hino surgiu em comunidades pré-Paulo ou contemporâneas dele, em outros cristianismos originários e era cantado nas liturgias batismais ou proclamado pelo (a) presidente da celebração que se dirigia à assembleia (“vós”) (BETZ, 1988, p. 181-201). Dentro do entusiasmo das emergentes comunidades primitivas, sonhando com uma “nova criação” (Gl 6,15), no anseio por liberdade para todos e igualdade sem distinção, na busca da unidade em Cristo, estes grupos redigiram este texto da liturgia da vida. Dentro destes grupos, a presença feminina devia ser forte e as lideranças iam ficando marcantes. Certamente, o “machismo” era bastante conversado dentro das reuniões. Iam despontando líderes cristãs que cantavam que “todos vós sois filhos de Deus”. Elas constataavam que “não há judeu nem grego” e “não há escravos nem livres” eram anunciados. Então, foram amadurecendo e, finalmente, impuseram o “não há masculino (homem) e feminino (mulher)”. Foram, provavelmente, aquelas mulheres, coordenadoras de grupos litúrgico-bíblicos domésticos, que foram recitando, gradativamente, “não há masculino e feminino”, até tornar-se consenso também entre os membros masculinos das comunidades (STRÖHER, 2000, p. 36-44). O *slogan* tornou-se oração comprometida.

Paulo, na sensibilidade pastoral, teria acolhido este ideal feminino, que existia no hino inicial e o colocou no centro da Epístola aos Gálatas. Possivelmente, Paulo não tivera dificuldades em manter o *slogan*, porque ele já conhecera líderes femininas dentro do cristianismo (FERREIRA, 2005, p. 119-120).

Gl 3,26-28 é um texto dirigido a todas as comunidades étnicas representadas pelos gálatas. Olhando os conflitos e limitações comunitárias na Galácia, provenientes das desigualdades étnicas e religiosas (judeu/grego), sociais (escravo/livre) e de gênero (homem/mulher), Paulo propôs o reverso, isto é, que a utopia da “unidade em Cristo” conduziria a comunidade a viver em igualdade e liberdade.

2 - A “abertura de fronteiras” em todas as direções!

O curto hino tinha uma pequena estrutura literária: no v. 26 apareceu um primeiro “pois” (*gar*). Ali estava escrito: “pois todos” (= *pantesgar...*). Depois, no v. 27, há o motivo desta razão: “pois quantos” (*hosoigar*). Esta segunda razão veio desenvolvida no v. 28, e a explicação concluiu-se com um terceiro “pois” (*gar*), no final do v. 28: “pois todos vós” (*pantesgarhymeis*) (VANHOYE, 1985, p. 125).

O nosso texto (Gl 3,26-28) começou e terminou sinalizando uma grande abertura numa perspectiva universal, num paralelo que abre e fecha a perícope. Em 3,26a lemos: “*pois todos vós sois filhos de Deus*”, e em 3,28d: “*pois todos vós sois um só*”. A relevância do vocábulo “*todos*” sugere que o hino estava abrangendo judeus e gentios. Assim, ele superou a visão estreita dos missionários judeu-cristãos (judaizantes).

No v. 26 usou a segunda pessoa do plural (vós). Além do estilo, há uma intenção teológica. O “vós” aqui é sinônimo de comunidade. A missiva foi dirigida a ela. Já o termo “quantos” (*hosoî*) não pretendia delimitar um círculo reduzido dos leitores, mas açambarcá-los como conjunto. Com os vocábulos “*todos/quantos*” o autor mostrou que as comunidades não estavam entrincheiradas. Acabou o exclusivismo. As comunidades surgiam também entre os étnicos. Houve uma abertura geral das fronteiras na direção dos estrangeiros, dos escravos, como também de gênero. O espírito da igualdade precisava vencer a mentalidade de discriminação.

Houve um avanço teológico: ao advento da “fé”, todos se tornaram “filhos de Deus” (*hyioitheou*). É uma relação profundamente íntima com Deus. Ser filho de Deus significava ser livre. O hino tinha duas fórmulas

que declaravam as condições para a adoção na filiação divina: “pela fé” (v. 26: *dia tespisteos*) e a incorporação “em Cristo Jesus”. A “fé em Cristo Jesus” retirava as diferenças, derrubava as barreiras da marginalização, libertava da escravidão.

O v. 27 disse: “*Pois todos vós que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo*”. Foi a única passagem de Gálatas que mencionou o batismo na iniciação cristã. Este unia tão intimamente a Cristo que se podia dizer que os cristãos “estão-em” Cristo Jesus (3,26) e “são-um-em” Cristo Jesus (3,28). Embora aqui não haja uma descrição do ritual do batismo, ser “filhos de Deus” implicava em compromissos de mudanças em todos os níveis e em responsabilidades comunitárias.

Para os primeiros cristãos, o batismo era vital para quem tinha fé. Era o sinal da entrada em um novo tipo de vida. O batismo era entendido como um meio de união total entre duas pessoas: a pessoa do que tem fé e a de Cristo. Em vez de usar a fórmula mais habitual “batizar em nome de Cristo” (1Cor 1,13; 6,11), aqui ele usou a fórmula “batizar em Cristo”, significando a identificação em Cristo.

Paulo agora, para exprimir a força desta inserção no novo ser, mediante o batismo, usou o conceito “vestistes” (*endýesthai*). A imagem da veste ilustrava o ensinamento de Paulo: um relacionamento bem profundo com Cristo, uma mudança no ser. Ligando-se ao Cristo, o batizado era transformado radicalmente. A fé e o batismo aboliram as diferenças concretas entre judeus e não judeus, abrindo todas as fronteiras, precisando o modo da “filiação” não na dispersão, mas, na “unidade” em Cristo.

Eis a grande abertura de fronteiras:

“Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre não há homem e mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,26-28).

Recordando, a Epístola aos Gálatas foi escrita no meio de muitas tensões. Várias divisões eram expressões de muitos conflitos internos e fora da comunidade. Para definir a “unidade em Cristo”, o apóstolo seguiu o seguinte esquema:

- Havia anunciado o Evangelho na Galácia;
- As igrejas locais, após sua partida, viviam a fé na comunidade, com alegria e entusiasmo;
- Apareceram, por lá, os “missionários judeu-cristãos” (judai-zantes) anunciando, segundo Paulo, um Evangelho diferente, baseado na Lei mosaica. Forçavam uma uniformidade ritualista e exigiam a circuncisão dos gentios;

- Muitos da comunidade aceitaram as propostas dos missionários;
- Paulo recebeu as notícias das divisões dentro das comunidades;
- Ficou indignado;
- Escreveu a epístola, em tom de trovoadas, e a enviou aos gálatas.

O objetivo do apóstolo era insistir na questão da “unidade eclesiológica”, em torno de Jesus Cristo. Para isso, ele apontou, antes do surgimento das comunidades locais, para alguns conflitos fortes que aconteceram em outras igrejas: lembrou aos gálatas o episódio de Jerusalém, sobre os gentios e judeus (2,1-10); relatou o episódio de Antioquia ao questionar se os gentios podiam celebrar com os judeus e o fato vergonhoso de alguns cristãos (2,11-14). Sinalizou também a presença de grupos conservadores tais como: os intrusos infiltrados para espiar a liberdade (2,4) e os enviados da parte de Tiago (2,12). Nominou, literalmente, pessoas que foram motivo de escândalo como Cefas (2,11-14), outros judeus (2,13) e Barnabé (2,13).

Após apontar alguns fatos dolorosos da história dos cristanismos originários, denunciou os grupos dos “missionários judeu-cristãos” (judaizantes), como reais criadores de divisão e defensores de um tipo de Igreja que contrariava as decisões positivas do encontro de Jerusalém, que definira como legítima a pregação aos “gentios” (2,9). Argumentou, meticulosamente, em nível teológico, questões agudas como a justificação pela Lei ou pela fé, a escravidão e a liberdade e, ainda, a carne ou o espírito. Ao ver de Paulo, aqueles missionários estavam fechando, de novo, a exemplo dos “intrusos” e do grupo de Tiago, as fronteiras para os gentios, provocando, assim, o surgimento de graves conflitos da Galácia.

Paulo e outros helenistas missionários estavam abrindo as fronteiras na direção dos gentios, anunciando o Evangelho (1,15; 2,2.8-9; 3,8.14). Nessa proclamação, era pregado que também os gentios eram justificados pela fé.

O apóstolo sugeriu que era na vida da comunidade livre e igualitária, que vivia no e pelo Espírito, portanto, unida e dinâmica, que estava a saída. Então, se comunidades de outros cristanismos originários elaboraram e emprestaram o texto batismal a Paulo, agora os gálatas precisavam interrogar suas vidas espelhando-se no mesmo hino de Gl 3,26-28. O v. 28 era o anúncio da abertura de fronteiras em várias direções. A partir de agora, todas as divisões, todas as diferenças entre os seres humanos deviam desaparecer: aquelas que provinham da etnia, da condição social ou do sexo. Aqui houve a proposta da *unidade em*

Cristo, fundamentada na superação de todos os preconceitos e exclusões. A fé e o batismo aboliram todas as diferenças.

A primeira assertiva contemplava o plano étnico/racial com implicações religiosas e culturais. A segunda envolvia a abertura de fronteiras na esfera social (com implicações civis, políticas e econômicas). A terceira refletia o plano da vida sexual.

2.1 - Não há judeu nem grego (Gl 2,28a)

Aqui se aborda a esfera étnico-racial com implicações religiosas e culturais. A proeminência pertence ao “judeu”. É bom lembrar que os “judeus” tinham seus preconceitos contra os estrangeiros. Até os prosélitos tinham dificuldades para serem aceitos, de fato, pela comunidade e pela religião. No nível religioso, o “judeu”, especialmente da linha mais sectária, aquela que veio de Esdras, considerava-se o povo eleito (Rm 2,17-20).

Também os “gregos” (civilização e cultura) os tinham. Uma linha grega considerava os estrangeiros como bárbaros. Aqui na Epístola, o “grego” não era uma referência à magnânima civilização cultural e filosófica que se sobrepunha no mundo ocidental. Era, antes, uma referência generalizada aos étnico-pagãos, aos estrangeiros.

No início dos cristanismos originários, as comunidades cristãs eram judias. Nesse ínterim, houve um fato que mexeu com os brios dos judeus. O imperador Calígula, em 39, para unificar o império, impôs o culto ao imperador. Sua estátua deveria ser colocada nos templos, por toda parte, inclusive em Jerusalém. Houve, entre os judeus, uma marcante reação. Os grupos cristãos, próximos a Jerusalém, seguiram a tendência do povo judeu em evitar os estrangeiros. A figura de Tiago “irmão de Jesus” aderiu a esta tendência (Gl 2,11-13).

Porém, nesse mesmo tempo, outros grupos cristãos (Estêvão, Paulo, Barnabé) já não se sentiam à vontade com a linha da comunidade de Jerusalém. Esses, lendo os sinais dos tempos, foram se abrindo aos estrangeiros, fora da Palestina, para anunciar o Evangelho. A Palavra foi se espalhando pelo império romano e pela civilização grega (anos 40-70). Portanto, o grupo judeu-cristão de Jerusalém, liderado por Tiago, absorveu a identidade da Torah e a linha do judaísmo.

O grupo dos helenistas foi se abrindo e se aculturando no universo estrangeiro. Apesar das dificuldades e dos conflitos houve a expansão missionária no universo grego e sua *polis* e, ao mesmo tempo, muita tensão com os cristãos vindos e aderidos à linha judaísta. Aquela ex-

periência dolorosa foi explicitada em Antioquia onde os seguidores de Jesus foram chamados de “cristãos” (At 11,26). Os documentos dessa época são as cartas de Paulo e os Atos dos Apóstolos. Lamentavelmente, não se têm outras informações daquele período da expansão do cristianismo para o mundo étnico. Sabe-se pouco sobre os anunciadores do Evangelho, mulheres e homens, além da Grécia e Ásia Menor.

Um pouco antes, foi dito que o hino batismal (Gl 3,26-28) foi elaborado antes de Paulo. Se isso for verdade, quem elaborou aquele hino? Foram comunidades vindas de Jesus ou da Galileia? Foram de Antioquia ou da Síria? Quem escreveu foram os pregadores da dispersão helenista?

Se a afirmativa “não há judeu ou grego” foi pré-paulina, o que levou, mais tarde, Paulo a aderir àquela proposta e a assumir o projeto? De fato, na “briga” ou “encontro” de Jerusalém o Apóstolo convenceu as três colunas da igreja sobre a importância da “verdade do Evangelho” e não cedeu aos “falsos irmãos” que queriam circuncidar Tito (Gl 2,1). O mesmo Paulo, na contradição de Antioquia (Gl 2,11-14), teve a coragem de enfrentar Pedro. O protagonista do helenismo cristão, Paulo, parece que, diante dos sofrimentos de “Jerusalém-Antioquia” clareou suas ideias e seus projetos, aceitando o hino e lutando pela afirmativa existencial comunitária de que, a partir de Jesus Cristo, não havia mais “judeu ou grego”. Com isso a missão aos étnicos/gentios tornou-se possível.

Embora fosse “judeu”, o autor da Epístola aos Gálatas foi destemido e ponta de lança ao subverter a visão dos seus conterrâneos. O seu empenho com os “gentios” foi questão de clareza de projeto e de fé (Rm 15,15b-16).

Antes, na mentalidade judaica, os gentios se tornavam “próximos” (prosélitos) quando se submetiam à Lei de Moisés. Parece que a o grupo ligado a Tiago (Jerusalém) também pensava assim. O Apóstolo afastou-se e superou essa mentalidade. Para ele, os gentios já podiam ter acesso às promessas agora. Na nova visão, “judeus e gentios (gregos)” eram iguais. Por isso, todos (também os judeus) deviam ser “justificados pela fé” em Cristo e podiam ser discípulos de Jesus conservando sua identidade cultural própria.

A postura de Paulo na decisão pelos étnico-gentios trouxe muitas tensões pastorais. Os “falsos irmãos” (Gl 2,4; 2 Cor 11,26) ou judeus convertidos opuseram-se a Paulo, não só na Galácia, mas, por onde ele passava. Ele, ao contrário, estava fazendo uma proposta igualitarista

étnico/racial e, também, religiosa. Lutava para abolir as distinções religiosas. Ele afirmou em Rm 10,12 que, “de sorte que não há distinção entre judeu e grego, pois ele é o Senhor de todos. Ele é rico para todos os que o invocam”. A “igualdade religiosa” tinha consequências sociais para a inter-relação entre judeus e gentios. Isso ficou claro no “incidente de Antioquia” (Gl 2,11-14) que, provavelmente, era bem conhecido na Igreja primitiva, porque evidenciou a vergonhosa atitude hipócrita de Pedro, entre outros, e acentuou a opção igualitarista do Apóstolo pelos estrangeiros.

O esforço de Paulo não era o afastamento do judaísmo, mas, a superação das distinções. Isso era possível tanto ao grego como ao judeu, porque a única condição para entrar na comunidade era a “fé” em Cristo morto e ressuscitado. Então, a abertura do Evangelho a todos e o papel central da fé foram fundamentais no programa do Apóstolo. A teologia que Paulo recebeu das primeiras comunidades contestava as ortodoxias religiosas fechadas em si mesmas e questionava os sectarismos: nenhuma religião ou qualquer raça são superiores às outras.

Cristo é o evangelho (Gl 1,6-9) anunciado para todos. O encontro de Jerusalém (Gl 2,1-10) explicitou a grande abertura dos vários segmentos das primeiras comunidades e o incidente de Antioquia (Gl 2,11-14) revelou a crise na prática comunitária. Não foi fácil.

A afirmativa “não há judeu nem grego” mostrou que “todos”, a partir da fé em Cristo, respeitando o que é típico de cada cultura, podiam conviver como membros de uma mesma comunidade. Mais tarde, quando escreveu a Primeira Epístola aos Coríntios, Paulo, na questão de abertura ao mundo étnico, deu um salto mais profundo: os estrangeiros para os quais ele se inclinou, foram os “fracos”, os “vis” e os “desprezados”. Ou seja, a sua clareza pastoral se inclinava para os escravos e trabalhadores que eram assassinados pelo modo de produção escravagista romano (FERREIRA, 2013, p. 195-209).

2.2 - Não há escravo nem livre (Gl 3,28b)

O hino, neste momento, apresentou a abertura de fronteiras na esfera social. Em consequência, apareceram as implicações civis, políticas e econômicas.

Paulo não deveria ter escrito o par “escravo” (*doulos*) e “senhor” (*kýrios*)? Na verdade, o Apóstolo estava reproduzindo a fórmula litúrgica. Assim, ele respeitou o texto original. Se compreende-se bem a palavra “livre” (*eléutheros*) na sociedade romana, percebe-se que o

“livre” estava dentro do sistema piramidal dominador. No nível ideológico, o “livre” e o “senhor” eram da mesma esfera opressora, mesmo entendendo que a grande população romana não era “senhora”.

Com isso, entende-se que entre “escravos” e “livres” havia uma distinção básica na organização da cidade greco-romana. O “livre” pertencia ao sistema do direito civil e político. O “escravo” não tinha o direito civil e a dignidade. Todo o sistema se baseava na separação entre o “escravo” e o “livre”. Com essa distinção, a economia romana se movia. O modo de produção econômico romano, em todo ocidente, fundamentava-se no escravagismo. O império romano todo conhecia e vivia da escravidão.

De onde provinham os escravos?

Pelo “direito romano” podia uma pessoa que praticasse certos crimes ser castigada como escrava. Também, podia já nascer assim, quando era de família escrava. Podia a pessoa, também, ser prisioneira de guerra e, então, era rebaixada para o nível de escrava. Na maioria das vezes, toda a população derrotada em conflitos armados perdia a liberdade. Foi por exemplo, o caso da Bitínia, de Pérgamo, Ponto, Galácia e Capadócia que perderam suas terras para os romanos, passando a ser propriedades do imperador ou de patronos romanos. Por vezes, a pessoa era vendida por seus pais para pagar dívidas e tornava-se escrava. Outra coisa grave era o mercado de escravos.

Existiam as categorias de escravos. As piores situações eram as dos escravos das grandes propriedades agrícolas, das minas e das pedreiras. É bom lembrar que, naquele tempo, as grandes construções das estradas (feitas de pedras) eram feitas a partir da força física de cada escravo: arrancar as pedras com os braços, carregá-las, fixá-las no terreno preparado, também pelas mãos dos escravos, exigiam esforços sobrehumanos e desumanos. É preciso lembrar, também, que os escravos daqueles trabalhos forçados ficavam, em nível clínico, imprestáveis, rapidamente. Os “escravos públicos”, os “funcionários” das cidades que cuidavam dos banhos públicos e da manutenção dos aquedutos também trabalhavam com muita dificuldade. Já os escravos administrativos, já bem preparados, tinham uma situação mais leve. Os escravos domésticos dependiam da boa vontade dos seus senhores e das tarefas que lhes eram confiadas. Havia escravos de alto nível, por exemplo, os educadores, os artistas que, por vezes, estavam numa esfera intelectual superior aos seus patrões.

Paulo, possivelmente, assumiu o hino batismal, também, por ver, constantemente, a contradição social dentro do império. Ele andava

muito pelas estradas romanas (estradas feitas por seres humanos e não por máquinas). Via a presença das tropas romanas que iam e vinham e eram mantidas pelas populações subjugadas. Via que o comércio de escravos angustiava os habitantes autóctones e que a tensão beligerante estava sempre em alta. O Apóstolo teve vários motivos, em seus escritos para utilizar as imagens da escravidão e da liberdade. Ele via as injustiças do acúmulo de riqueza por parte dos romanos, dos patronos e dos ricos de cada cidade que faziam o jogo dos romanos. Enxergava a situação em que o não romano estava perdendo os seus direitos e liberdade. Ele se deparava com categorias de escravos que não podiam ser chamados de seres humanos, pelo modo como eram explorados. Vindo tudo aquilo o grito de que não há mais “escravos e livres” passou a ser um programa existencial e pastoral.

Paulo, ao assumir o hino batismal e ao conviver com as assimetrias sociais, fez uma contestação radical. Ele negou a condição de “escravo” e afirmou a mesma coisa com relação ao “livre”. Ele não disse “não há mais escravos, todos são livres”, mas, “não há escravo nem livre”. Há uma relativização dessa alternativa. Não existia lugar para discriminar-se, porque essa postura colocava uns sobre os outros. Paulo, ao rejeitar essa alternativa, enxergava-a na perspectiva teológica: em Cristo, desaparecia a diferença. Escravo e livre tinham os mesmos direitos e deveres. Se não havia escravo, não havia livre. No Cristo “Senhor” não existia mais o escravizador.

Nesse hino (Gl 3,28b) o Apóstolo apresentou a proclamação programática que continha a referência explícita à escravidão, expressão das injustiças do mundo antigo a serem superadas no mundo novo apresentado por Cristo. Proclamou a igualdade de valor. Era preciso mudar o relacionamento entre livres e escravos. Não era somente no culto que devia haver a transformação. Essas proclamações estavam abrindo as portas para aplicações no futuro da história. Não existia condição social ou civil menos ou mais importante. Paulo explicou melhor essa visão em 1Cor 7,22-23 quando disse: *“Pois aquele que era escravo quando chamado no Senhor, é um liberto do Senhor. Da mesma forma, aquele que era livre quando foi chamado, é um escravo de Cristo. Alguém pagou alto preço pelo vosso resgate; não vos torneis escravos dos homens”*.

Para a comunidade de Corinto, Paulo reforçou a questão (1Cor 11,17-34) das desigualdades sociais. Para a Ceia do Senhor, chegavam antes (v. 33) os ricos que não precisavam trabalhar e, certamente, já

traziam a comida e a bebida para a ceia. Os que chegavam depois, os pobres trabalhadores, os escravos, os artesãos que só dispunham de tempo após o trabalho, não participavam da ceia. Alimentavam-se, possivelmente, dos restos. Para tais casos, Paulo mandou os ricos comerem em casa para evitarem os escândalos. Não havia lugar para diferenças sociais e econômicas. Mais tarde, ele voltou a escrever aos coríntios apresentando sua visão concreta de igualdade. Assim ele fez a proposta social mais clara de suas missivas em 2 Cor 8-9. Ele se sensibilizou com a miséria de Jerusalém e organizou uma grande coleta para socorrer os habitantes de lá. Em 2 Cor 8,13-14 ele apresentou o programa motivador: *“Não desejamos que a alívio dos outros seja para vós causa de aflição, mas que haja igualdade. No presente momento, o que para vós sobeja, suprirá a carência deles, a fim de que o supérfluo deles venha um dia a suprir a vossa carência. Assim haverá igualdade”*.

Foi no Bilhete a Filemon que o Apóstolo colocou em prática a teologia da liberdade. Na cadeia, ele ficou preso ao lado de um escravo que, por coincidência, trabalhava na casa de um patrão convertido ao cristianismo. Ali convivendo com o escravo, chamado Onésimo, o Apóstolo, possivelmente, questionado pelo próprio escravo, tomou uma decisão radical. Escreveu ao patrão Filemon para receber Onésimo não mais como escravo, mas como irmão e como se fosse o próprio Paulo. A teoria sobre a “liberdade” tornou-se *práxis* concreta. Paulo viu Jesus encarnado no escravo. Este se tornou ex-escravo, portanto, livre por causa da fé em Cristo. A partir daí, ficou claro que o cristianismo não era compatível com a situação social do mundo greco-romano¹.

O modo de produção escravagista romano criava uma “psicose de medo” em todas as nações subjugadas e em seus habitantes. Opor-se a Roma era uma postura subversiva. Ora, os cristãos estavam proclamando que não havia mais diferença entre escravos e livres. Isso não poderia trazer a repressão sobre os cristãos?

O conjunto da pregação do Apóstolo mostrou que, para ele, o Evangelho trazia, sempre, algo novo para a ordem social. A fé em Jesus Cristo para se abrirem as fronteiras era a força comunitária para a superação das discriminações da relação livre-escravo. Havia a proposta clara para que a estrutura de dominação fosse derrubada. Paulo e seu grupo ansiavam pelo surgimento de uma sociedade nova que eliminasse a contradição expressa na escravidão. Deveria haver muita coerência

¹ É interessante lembrar que nem todo mundo, dentro do Império, aceitava o sistema escravagista. Epíteto e Sêneca foram críticos contundentes contra a escravidão.

por parte dos cristãos dentro de um universo desigual. Por exemplo, na Epístola aos Gálatas foi narrado o “incidente de Antioquia” (Gl 2,11-14). Viveriam os judeu-cristãos separados dos gentio-cristãos, especialmente, à mesa? Se toda a *ekklesia* aceitasse essa separação, não se poderia cantar o hino que afirmava que “não há escravo nem livre”. Era claro que a contradição deveria ser superada no ambiente litúrgico e na vida dentro dos modos de produção escravagista romano.

2.3 - Não há homem (masculino) e mulher (feminino)

A terceira dimensão do hino batismal abordou a abertura de fronteiras na esfera afetivo-sexual da pessoa humana. O vocabulário grego usa o termo *arsen* significando o homem no sentido de “macho, masculino”. Não usou *aner* que tem o significado de “homem feito”, ou “esposo”. *Thelys* significa mulher no sentido de “fêmea, feminina”. Não usou *gyné* que tem o significado de “mulher feita”, ou “esposa”.

Sobre a conjunção, aqui não temos *oude* (nem) como nas duas primeiras assertivas, mas *kai* (e). Parece que o hino, aqui, estivesse querendo reproduzir Gn 1,27 e 5,2: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou”.

A diferenciação sexual estava bem clara no hino batismal, reproduzido na Epístola aos Gálatas, nos termos “macho” (masculino) e “fêmea” (feminino). O projeto de origem é retomado: homem e mulher recuperavam a mesma dignidade e superava-se o estado de submissão, proveniente do pecado (Gn 3,16), por sua inserção no Cristo Jesus. Homens e mulheres, agora mais que “macho-fêmeas”, eram iguais em dignidade e responsabilidade perante o Senhor (WITHERINGTON III, 1981, p. 593-604).

Pode-se ver, a partir do nível sociológico, a crueza dos termos do par de opostos. “Macho/fêmea”, possivelmente, veio do ambiente feminino. Ora, as mulheres cristãs, no hino, estavam denunciando a sociedade patriarcal que subestimava as femininas e as marginalizava pela unilateralidade masculina. Nada mais correto que usar palavras sem subterfúgios como “macho/fêmea”, em vez de conceitos diplomáticos como “homem/mulher”. Havia, provavelmente, denúncia contra as assimetrias nas convivências humanas.

As cristãs iam, ao lado de cristãos abertos e conscientes, criando uma nova ética. Certamente, líderes cristãs, nas pequenas comunidades, anteriores a Paulo, impuseram a expressão “macho/fêmea”.

Como surgiram aquelas líderes?

É bom lembrar que as igrejas domésticas continuaram o costume das liturgias domésticas do mundo judaico-israelita. O próprio Paulo tinha uma longa experiência nas sinagogas da diáspora. Numerosas inscrições nessas sinagogas mostram que mulheres exerceram a administração e, também, o ministério no ambiente israelita-judaico, sendo, por vezes, “chefes de sinagoga” (*archisynagoge*).

A família era o lugar inicial para a transmissão da fé, particularmente, na diáspora. De manhã, de noite, nas refeições, a família se encontrava, em orações. A casa (*oikía*) comportava celebrações religiosas como as festas: *Sukkota* festa das tendas nos jardins da casa; *Shavuot* festa das semanas, com a decoração das casas com flores; *Hanukká* e o *Purim*; a festa mais importante na casa era a celebração da *Péssah*, Páscoa. Esta era o ponto alto do ano e, durante os tempos do Novo Testamento, ocorria nos lares. Fílon dizia que na Páscoa, “cada casa, nesse período, assumia o caráter da santidade do Templo”². Dentro do Templo, em Jerusalém, a mulher era silenciada. Na casa, não. Ela podia falar. A casa se tornava um esteio maior, especialmente, nas dificuldades externas, quando os judeu-israelitas eram ameaçados. Aí, a religião tomava força. A religião era protegida e reforçava-se na casa.

No início, os cristãos se reuniam nas casas. É bom lembrar que muitos, no início, vieram do universo judaico. Então, usar o costume celebrativo nas casas, entre os cristãos, não foi complicado. É importante recordar que na “casa” sempre houve, em qualquer cultura, os momentos mais fortes da vida: a procriação, a amamentação e os primeiros passos dos bebês. Na casa aprende-se a falar, brinca-se, há alimentação, celebra-se o amor e descansa-se. É na casa que se sonha. A vida íntima e privada se desenvolve nas casas.

Como as comunidades cristãs se reuniam nas casas do povo, a exemplo das famílias israelitas, eram chamadas de “igrejas domésticas” (BRANICK, 1994, p. 58-77). Nas reuniões celebravam-se a Escritura, a vida do povo e o encontro com Deus. A casa era o espaço para a pregação da Palavra, para o culto, para a participação na mesa eucarística e para as relações sociais.

Aqui dá-se o salto. Se no judaísmo da diáspora, as mulheres podiam falar e dirigir as liturgias, do lado de fora da casa, elas eram silenciadas. As mulheres cristãs aprenderam a fazer as reuniões domésticas e, aos poucos, foram para fora, para as ruas, praças e outras cidades. Não temos informações, no Novo Testamento, sobre o espaço da mulher na vida das comunidades pré-Paulo. Somente, no seu tempo. Vejamos:

² FÍLON. De Spec. Leg.(sobre as leis especiais) II, 145,148.

Em tantos lugares, no ambiente da Igreja das origens, quando há referências às igrejas domésticas, lêem-se nomes de mulheres: *Priscila* e seu marido *Áquila* aparecem em Rm 16,5 e 1Cor 16,19. Na casa de Filemon, aparecem a irmã *Ápia* e o companheiro *Arquipo* (Fm 1,1-2). Na casa de Filólogo e *Júlia*, surgem os nomes de Nereu e *sua irmã* e de *Olimpas* em Rm 16,15. Na casa de Ninfa em Laodicéia, que chegou a receber uma carta de Paulo (Cl 4,15). Na casa de *Lídia* em Filipos (At 16,15). Nas igrejas domésticas, as mulheres encontraram seus espaços para exercerem as funções de coordenadoras nas comunidades.

Uma comunidade muito querida de Paulo foi a de Filipos. Ali duas líderes, provavelmente, na luta pela construção da comunidade, tinham suas desavenças. Sobre elas, *Evódia e Síntique*, o companheiro Sízigo recebeu palavras de orientação para apoiá-las, porque Paulo as respeitava, por ver nelas, líderes valorosas que “lutaram a meu lado pelo Evangelho, com Clemente e os demais colaboradores meus cujos nomes estão no livro da vida” (Fl 4,2-3).

Na Epístola aos Romanos, nas recomendações finais, temos um referencial interessante. Em Rm 16,1-2, ele se referiu a *Febe*: “Recomendo a vocês Febe, nossa irmã, diaconisa da comunidade de Cencrêia (...) porque ela também ajudou a muitos, a mim inclusive”. Em Rm 16,3-5, ele fez alusão a *Priscila* e seu marido. Era na sua casa que a comunidade se reunia: “Saudai Priscila e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus, que para salvar minha vida expuseram sua cabeça”. Rm 16,6 falou de *Maria*: “Saudai Maria, que muito fez por vós”. Rm 16,7 lembrou de *Júnia*, chamada, ela e seu marido, “apóstolos”, uma ousadia de Paulo: “Saudai Andrônico e Júnia, meus parentes e companheiros de prisão, apóstolos exímios que me precederam na fé em Cristo”. Recordou-se em Rm 16,12, de *Trifena, Trifosa e Pérsida*, companheiras na tribulação: “Saudai Trifena e Trifosa, que se afadigaram. Saudai a querida Pérsida, que muito se afadigou no Senhor.” Em Rm 16,13, referiu-se a u’a *mãe*: “Saudai a Rufo, este eleito do Senhor, e sua mãe, que é também minha”. Rm 16,15 recordou-se de *Júlia*, a irmã de Nereu e Olimpás: “Saudai Filólogo e Júlia, Nereu e sua irmã, e Olimpás, e todos os santos que estão com eles”.

Vemos que nestas recomendações, Paulo falou com toda naturalidade de mulheres que eram diaconisa, colaboradora em Jesus Cristo ou apóstola. Títulos e funções importantes na vida e na organização das comunidades! Também, falou do envolvimento de algumas delas na luta libertadora, dentro da opressão romana.

As comunidades e o próprio Paulo deveram muito a algumas delas, pois o ajudaram e arriscaram a própria vida por ele. Carinhosamente, ele se referiu a elas como irmã, mãe, ajudantes na luta pelo evangelho, companheira de prisão. Detalhe importante: em dois casos, a comunidade se reunia na “casa” de algumas delas.

É preciso chamar a atenção para a ternura e afetividade do Apóstolo (FERREIRA, 2005, p. 134-139). Ele disse: “*Meus filhos, sofro novamente como dores de parto, até que Cristo esteja formado em vocês!*” (Gl 4,19). Parecido com o texto aos coríntios: “Dei leite para vocês beberem, não alimento sólido, pois vocês não o podiam suportar” (1Cor 3,2). É importante sinalizar esses textos porque existe uma concepção mal elaborada de quem acusa Paulo de ser misógino. O homem que assumiu a fórmula “*não há homem e mulher*” foi um amigo das mulheres que vieram para o cristianismo. O missionário dos gentios, Paulo, se mostrou entusiasta com o companheirismo de mulheres que lutavam arduamente dentro do mesmo movimento libertador. O Paulo das epístolas aos Gálatas, Coríntios, Romanos e Filipenses fez uma trajetória a partir de Gl 3,28. Aqui está uma passagem que *privilegia a mulher*. É o ponto focal e centro organizador da teologia de Paulo no seu ensino sobre ela. Temos aqui o anúncio de igualdade de privilégios entre homem e mulher, uma declaração universal para todos os tempos. Era possível realizar esse ideal, porque caíam os privilégios. Foi um programa e um projeto que privilegiou as mulheres nos inícios do cristianismo.

Assim como os escravos e os étnicos (estrangeiros/gentios), as mulheres viram na *ekklesía* cristã a possibilidade de viverem a igualdade social, cultural, jurídica, religiosa e, com isso, distanciavam-se dos modos de produção escravagista romano. Foram elas, tanto mulheres anteriores a Paulo, talvez líderes que Paulo não tenha conhecido, como mulheres já próximas ao Apóstolo quem, numa perspectiva libertadora, impuseram, no Hino Batismal, a assertiva “*não há diferença entre homem e mulher*”. Foi uma conquista feminina.

Paulo acreditou no hino e na força dos convertidos escravos e mulheres. Isso tudo, por causa da luz no fundo do túnel: a liberdade (Gl 5,1.13) dentro do escravagismo romano. Essa liberdade vinha dentro de um programa bem amplo. A conquista da igualdade religiosa para os gentios, da liberdade para os escravos, agora, também, pelo batismo, as mulheres se tornavam membros plenos do povo de Deus com os mesmos direitos e deveres. Como elas não se circuncidavam e Paulo relativizou a teologia da circuncisão, é para dentro do Batismo, que a

fé vinha trazendo aquela legião feminina. Agora, na nova experiência, elas estavam se sentindo “sujeitas” na nova religião. Uma Priscila (Rm 16,3) que arriscou a própria cabeça, uma Júnia, companheira de prisão (Rm 16,7), Pérsida, Trifena e Trifosa (Rm 16,12) que se afatigaram no Senhor, foram testemunhas da possibilidade transformadora da realidade tão tensa da época.

Na amizade com elas, ele aprendeu a quebrar obstáculos. Assumiu a proposta da igualdade. Abriu as fronteiras. Com elas, ele aprendeu como levar avante a realidade da igualdade entre as mulheres e homens, em pleno universo androcêntrico e patriarcalista. Tudo isso, por causa de Cristo.

3 - UM só: a unidade em Cristo faz abrir todas as fronteiras

Temos um paralelo entre o início e o fim do Hino:

3,26: Pois todos vós sois filhos de Deus, pela fé em Cristo Jesus.

3,28d: Pois todos vós sois UM SÓ (heis) em Cristo Jesus.

No v. 26, todos foram chamados de “filhos de Deus”. Logo em seguida, todas as discriminações foram abolidas (28 a-c) e as fronteiras abertas. No v. 28d, foi salientada a “unidade” (um só). O salto para a unidade foi qualitativo. Em Cristo Jesus “*todos vós sois um só*” e nenhuma pessoa pode se julgar melhor que a outra, seja ela de que raça ou religião que for, seja ela circuncidada ou não, seja ela mulher ou homem.

O plano dos iguais direcionou para a unidade em Cristo. Significa que todos tinham os mesmos direitos e deveres na busca libertadora rumo à vida, porque as relações humanas e com o Evangelho foram transformadoras. Tudo girava em torno de Cristo Jesus. A unidade nele foi o ponto focal que irradiou sua luz para todo o corpo da missiva.

Esse texto é uma pérola preciosa. O pronunciamento da liturgia batismal era, certamente, escutado e celebrado por todos aqueles que quisessem tornar-se membro daquelas pequenas comunidades cristãs. O iniciado cristão ficava fortemente impressionado de que entrava para um grupo que proclamava a abolição das distinções nos três delicadíssimos âmbitos da vida humana: o étnico/religioso, o social e o sexual. A fórmula batismal continha implicações sociais e políticas de natureza revolucionária. No dia-a-dia, esta fórmula criaria dificuldades entre os

seus membros, justamente, porque criariam conflitos com os modelos sociais vigentes no mundo greco-romano e judaico.

Referências

- BETZ, Hans-Dieter. **Galatians**. A commentary on Paul's Letter to the Churches in Galatia. Philadelphia: Fortress Press, 1988.
- BRANICK, Vincent. **A Igreja Doméstica nos Escritos de Paulo**. S. Paulo: Paulus, 1994.
- BYRNE, Brendan. **Paulo e a Mulher Cristã**. S. Paulo: Ed. Paulinas, 1993.
- FERREIRA, Joel Antônio. **Gálatas A Epístola da Abertura de Fronteiras**. S. Paulo: Ed. Loyola, 2005. (Comentário Bíblico Latino-Americano).
- FERREIRA, Joel Antônio. **Primeira Epístola aos Coríntios**. S. Paulo: Fonte Editorial, 2013. (Comentário Bíblico Latino-Americano).
- MARTIN, James Louis. **Galatians**. New York: Doubleday, 1988 (The Anchor Bible).
- STRÖHER, M. J. Entre a Afirmação da Igualdade e o Dever da Submissão – Relações de Igualdade e Poder Patriarcais em Conflito nas Primeiras Comunidades Cristãs. **Estudos Bíblicos**, n. 67, p. 36-44, 2000.
- TAMEZ, Elza. **Galatians in the International Bible Commentary: a Catholic and Ecumenical Commentary for the Twenty-First Century**. Conferir esse título. Coordenação de William R. Farmer. Collegiville, Minnesota: The Liturgical Press, 1998.
- VANHOYE, Albert. **La Letteraai Galati** (2ª parte). Roma: PIB, 1985.
- WITHERINGTON III, Ben, Rite and Rights for Women – Gl 3,28. **NTS**, n. 27, p. 593-604, 1981.